

**PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE CAMPINAS**

**ANA JÚLIA CABRAL**

**OS LIMITES CULTURAIS E LINGUÍSTICOS NO TEXTO RELIGIOSO: UMA  
REFLEXÃO SOBRE A VERSÃO DA BÍBLIA SAGRADA *ALMEIDA REVISTA  
ATUALIZADA (ARA)* E A ADAPTAÇÃO A *MENSAGEM***

**CAMPINAS**

**2023**

**PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE CAMPINAS**  
**ESCOLA DE LINGUAGEM E COMUNICAÇÃO**  
**FACULDADE DE LETRAS**  
**ANA JÚLIA CABRAL**

**OS LIMITES CULTURAIS E LINGÜÍSTICOS NO TEXTO RELIGIOSO: UMA  
REFLEXÃO SOBRE A VERSÃO DA BÍBLIA SAGRADA *ALMEIDA REVISTA*  
*ATUALIZADA (ARA) E A ADAPTAÇÃO A MENSAGEM***

Trabalho de Conclusão de Curso  
apresentado à Faculdade de Letras na  
Escola de Linguagem e Comunicação, da  
Pontifícia Universidade Católica de  
Campinas, como exigência para obtenção  
do grau de bacharelado.

Orientador: Prof(a). Dr(a). Eliane Righi de  
Andrade

**CAMPINAS**  
**2023**

Ficha catalográfica elaborada por Fabiana Rizziolli Pires CRB 8/6920  
Sistema de Bibliotecas e Informação - SBI - PUC-Campinas

220.4  
C117L

Cabral, Ana Júlia

Os limites culturais e linguísticos no texto religioso: uma reflexão sobre a versão da Bíblia Sagrada Almeida Revista Atualizada (ARA) e a adaptação A Mensagem / Ana Júlia Cabral. - Campinas: PUC-Campinas, 2023.

33 f.

Orientador: Eliane Righi de Andrade.

TCC (Bacharelado em Letras) - Faculdade de Letras, Escola de Linguagem e Comunicação, Pontifícia Universidade Católica de Campinas, Campinas, 2023.  
Inclui bibliografia.

1. Bíblia - Versões. 2. Religião e linguagem. 3. Linguagem e cultura. I. Andrade, Eliane Righi de. II. Pontifícia Universidade Católica de Campinas. Escola de Linguagem e Comunicação. Faculdade de Letras. III. Título.

**PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE CAMPINAS**  
**ESCOLA DE LINGUAGEM E COMUNICAÇÃO**  
**FACULDADE DE LETRAS**  
**ANA JÚLIA CABRAL**

**OS LIMITES CULTURAIS E LINGÜÍSTICOS NO TEXTO RELIGIOSO: UMA  
REFLEXÃO SOBRE A VERSÃO DA BÍBLIA SAGRADA ALMEIDA REVISTA  
ATUALIZADA (ARA) E A ADAPTAÇÃO A MENSAGEM**

Dissertação defendida e aprovada em 26 de  
junho de 2023 pela comissão examinadora:

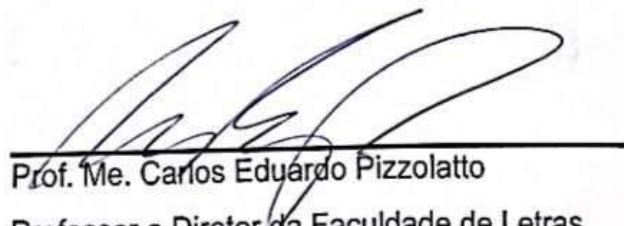


---

Prof(a). Dr(a). Eliane Righi de Andrade

Orientador e presidente da comissão  
examinadora.

Pontifícia Universidade Católica de Campinas



---

Prof. Me. Carlos Eduardo Pizzolatto

Professor e Diretor da Faculdade de Letras

Pontifícia Universidade Católica de Campinas

**CAMPINAS**

**2023**

## RESUMO

Este trabalho se propõe a discutir alguns tópicos linguísticos e culturais de duas traduções da Bíblia Sagrada a partir de uma pesquisa qualitativa, investigativa e comparativa, a fim de estabelecer uma reflexão sobre como a mensagem divina de um texto religioso pode ser transmitida para diferentes receptores e contextos. Através de estudos de Nida (1964) e Gentzler (2001) sobre a tradução bíblica, em conformidade com as teorias de intencionalidade e propósitos da tradução de Nord (1988) e Vermeer (1989), e as reflexões culturais do contexto da tradução, apontadas por Agra (s/d), analisamos alguns recortes bíblicos encontrados da terceira carta de João, comparando as traduções da versão *Almeida Revista Atualizada* (ARA) (1999), publicada pela Sociedade Bíblica do Brasil, com a adaptação *A Mensagem* (2011), publicada pela Editora Vida. Após a análise, foi observado que, quanto à linguagem, a versão tradicional ARA e *A Mensagem* apresentariam algumas formas linguísticas diferentes, em relação a aspectos lexicais e semânticos da língua, formas de tratamento e tempos verbais, porém cumprem o propósito semelhante de transmitir o mesmo efeito de sentido e a mensagem divina. Ainda, o trabalho traz uma reflexão da intencionalidade e do propósito do tradutor ao reproduzir um texto em uma determinada linguagem para um público influenciado por valores e ideais no contexto cultural onde está inserido. Embora as duas traduções sejam distintas em usos linguísticos e culturais, não houve comprometimento na compreensão da mensagem sagrada disseminada nas duas Bíblias, ambas cumprem propósitos semelhantes para cada público-alvo, entretanto, de formas diferentes e particulares que cada contexto e receptor se encontra.

**Palavras-chave:** Tradução bíblica. Linguagem contemporânea. Linguagem tradicional. Tradução e cultura.

## ABSTRACT

This dissertation proposes to discuss some linguistic and cultural topics of two translations of the Holy Bible from a qualitative, investigative and comparative research, in order to establish a reflection on how the divine message of a religious text can be transmitted to different receivers and contexts. Through studies by Nida (1964) and Gertzler (2001) on biblical translation, in accordance with the theories of intentionality and purposes of translation by Nord (1988) and Vermeer (1989), and the cultural reflections of the context of translation pointed out by Agra (undated), we analyzed some biblical excerpts found from the third letter of John, comparing the translations of the version *Almeida Revista Atualizada* (ARA) (1999), published by Sociedade Bíblica do Brasil, with the adaptation *A Mensagem* (2011), published by Editora Vida. After the analysis, it was observed that, regarding the language, the traditional version ARA and *A Mensagem* would present some different linguistic forms, in relation to lexical and semantic aspects of the language, forms of treatment and verb tenses; however, they fulfill the similar purpose of transmitting the same effect of meaning and the divine message. Still, the work brings a reflection of the intentionality and purpose of the translator when reproducing a text in a given language for an audience influenced by values and ideals in the cultural context where it is inserted. Although the two translations are distinct in linguistic and cultural uses, there was no compromise on understanding the sacred message disseminated in the two Bibles, since both of them fulfill similar purposes for each target audience, however, in different and particular ways that each context and receiver is settled.

**Keywords:** Bible translation. Contemporary language. Traditional language. Translation and culture.

## SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	8
2	METODOLOGIA	11
3	FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	13
4	ANÁLISE	22
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS	30
6	REFERÊNCIAS	31

## 1 INTRODUÇÃO

No texto “O discurso que (Re)vela o tradutor”, de Cristiane Carvalho de Paula Brito (2010), há um questionamento sobre como o tradutor, estudioso na área de tradução, pode ser alvo de discursos acerca da fidelidade e da infidelidade quanto ao texto original. Este tradutor, influenciado pelo ambiente cultural e histórico onde está inserido, escolhe ou não reproduzir no texto aquilo que está mais inserido na realidade do público-alvo, tendo como principal objetivo aproximar-se do sentido que interpretou no texto original e a compreensão da obra como um todo. Analogamente, independente da tradução textual estar mais semelhante ou mais distante do sentido ou da mensagem a ser transmitida, o tradutor, assim como o autor, tem uma intenção ao produzi-lo, e o faz, através das inúmeras possibilidades linguísticas, para que a mensagem de um texto seja alcançada.

É de conhecimento geral que a tradução, ligada diretamente ao contexto cultural e, conseqüentemente, expressando-se na linguagem e no gênero discursivo do qual se origina, tem ganhado cada vez mais reconhecimento dentro dos estudos linguísticos. Isso em decorrência do entendimento do texto não como algo único, mas como um objeto que é modificado e articulado através de elementos exteriores. É importante entender a forma como o tradutor expõe suas escolhas a partir do texto original, revelando, na tradução do texto, invariavelmente, um processo de interpretação que ele mesmo construiu com sua experiência e vivência como sujeito, além de sua vida profissional na área, ao entrar em contato com o texto original ou adaptações decorrentes da língua de partida.

Dessa forma, o livro mais adquirido e lido no mundo, não fica de fora dessa discussão. A Bíblia Sagrada é considerada um conjunto de livros que, obrigatoriamente, demandou, no decorrer dos séculos, diversas versões de tradução e adaptações, as quais foram desenvolvidas ao longo dos diferentes contextos culturais, sociais e históricos, levando em conta a produção de sentidos do tradutor bem como do leitor.



Por se tratar de um texto considerado “sagrado” e “intocável”, diante de teólogos e estudiosos da religião, ele é representado como tendo uma “mensagem única” que precisa se manter imutável e intransferível, apesar das mudanças sociais e culturais que aconteceram desde que o livro surgiu. Considerando que o processo de tradução é uma interpretação por parte do tradutor, este é incitado a reproduzir e trazer nuances do tempo em que ele está reescrevendo a obra. Com isso, é recomendado que o tradutor seja, necessariamente, um estudioso na área de linguística, para ter um olhar minucioso acerca da linguagem gramatical e estrutural que cada contexto e geração demandam do texto, além de um conhecimento sobre a religião e a cultura, o qual está marcado no original.

A tradução bíblica possui, em si, uma singularidade que, independentemente da linguagem e de como o texto é estruturado, precisa se manter constante por sua natureza missionária de buscar sempre novos fiéis. Por esse motivo também se pensa no caráter sensível da mensagem impactante que um texto religioso requer, uma vez que ele se destina sobretudo a passar ensinamentos sobre uma doutrina há muito tempo estabelecida.

Assim, foi realizada uma pesquisa sobre algumas versões da Bíblia Sagrada, para assim, chegar a nossa escolha final. Alguns exemplos de versões e adaptações deste texto religioso que procuramos estão entre eles: a *Nova Tradução da Linguagem de Hoje* (doravante, NTLH) (2000) e a *Nova Versão Transformadora* (doravante, NVT) (2016), a qual possui uma modernização tanto da linguagem quanto da forma como o texto é modelado na literatura atual de acordo com seus leitores. Em contraposição, comparamos com uma tradução normalmente utilizada pelos protestantes conservadores, mais antiga e tradicional, a *Nova Almeida Atualizada* (doravante, NAA) (2017). Tais exemplos foram analisados anteriormente à escolha do corpus final, o qual iremos abordar a seguir.

Diante dessas considerações acerca da linguagem e do contexto em que o remetente e o destinatário do texto traduzido estão inseridos, o trabalho a ser apresentado tem como principal foco a análise de duas reconhecidas versões de tradução e adaptação das Escrituras Sagradas: a tradução de *Almeida Revista*

*Atualizada*<sup>1</sup> (doravante, ARA) (1999), feita por João Ferreira de Almeida e publicada pela Sociedade Bíblica do Brasil e a adaptação *A Mensagem*<sup>2</sup> (2011), escrita por Eugene Peterson e publicada pela Editora Vida.

A fim de apresentar um estudo comparativo entre as respectivas versões da Bíblia citadas, o ensaio vai traçar um paralelo descritivo analítico sobre a questão de como cada versão das Sagradas Escrituras, a primeira *A Mensagem* (2011) - considerada “excessivamente moderna” pelos religiosos tradicionais - com a versão de linguagem mais clássica e rebuscada, de *Almeida Revista Atualizada* (1999)<sup>3</sup> (doravante, ARA), discutindo como cada uma pode atingir um público alvo por meio de sua linguagem, e, ainda assim, fazer jus ao seu papel de “transmitir”, de certa forma, uma mensagem impactante e sensível, trazendo ainda à tona de que maneira a linguagem mais familiarizada e próximo do público cumpre a finalidade de atingir o principal alvo das Sagradas Escrituras: transmitir o evangelho.

À luz de teóricos da tradução, como Eugene Nida (1964), Christiane Nord (1988), Hans Vermeer (1989), Edwin Gentzler (2001), Antoine Berman (1995) e Klondy Lúcia de Oliveira Agra (s/d), e de estudos linguísticos que envolvem aspectos semânticos e sintáticos, o presente estudo tem o compromisso de cumprir e discutir a finalidade da tradução de passagens da Bíblia para públicos alvos diferentes e com propósitos também diferentes de leitura, os quais requerem uma linguagem apropriada a eles, avaliando também o papel do leitor ao “absorver” o conteúdo daquela tradução ou adaptação.

Além de contribuir para a reflexão sobre como a tradução cumpre seu papel de transmitir o impacto e a sensibilidade que esse texto em específico pede, por meio do contexto em que cada versão foi reproduzida, também cabe ao estudo trazer a importância dessa discussão para a formação dos tradutores, no sentido de traduzir em uma linguagem e formatação que se adequem aos seus respectivos leitores, considerados em seu tempo e espaço.

---

<sup>1</sup> A primeira versão traduzida da versão ARA (Almeida Revista Atualizada) foi publicada no ano de 1959.

<sup>2</sup> A primeira versão traduzida da versão *A Mensagem* (original *The Message*) foi publicada no ano entre 1993 e 2002.

<sup>3</sup> A versão Almeida Revista Atualizada (ARA) utilizada é a 2ª edição.

Vale ressaltar que o ensaio não busca fazer menção ou comparação com o texto de partida, originário do hebraico, aramaico e grego. Isto, pois o objetivo está pautado em discorrer e expor duas versões de tradução da Bíblia Sagrada, ambas com suas particularidades e singularidades, diferenciadas por seus contextos variados de produção, bem como pelo texto estruturado e pela maneira como as informações nele contidas são apresentadas aos leitores que consomem esse gênero textual.

Por professar a fé cristã, o presente ensaio tem como funcionalidade trazer uma visão de maior importância para os contextos religiosos articulados a outros campos de estudo, neste caso, tradutórios e linguísticos. Foi necessário, primeiramente, que nós tivéssemos um ponto singular na vivência e na familiaridade com as Sagradas Escrituras, para que alcançássemos a importância da interdisciplinaridade entre os textos religiosos e outros campos teóricos como o da tradução e de linguística aplicada.

Com isso, cabe levantar a relevância da produção deste trabalho: para estudiosos da tradução que, em seus anos de aprofundamento e aprendizagem, escolheram a profissão e a pesquisa da área de tradução, este ensaio traz mais uma reflexão sobre como a tradução, a partir de alguns teóricos e estudos linguísticos, se adapta aos propósitos da fé e ocorre no meio religioso. A quem se interessa pela área de linguagens e, em conjunto, à área da teologia e textos divinos, este trabalho tem o prazer de provocar questionamentos relacionados a essa discussão.

## **2 METODOLOGIA**

O presente trabalho se baseia em um estudo de caráter investigativo, comparativo, qualitativo e interpretativo, recorrendo a estudos de teóricos da tradução contemporânea, tais como Eugene Nida (1964), Christiane Nord (1988), Hans Vermeer (1989), Edwin Gentzler (2001) e Antoine Berman (1995; 2002), bem como Klondy Lúcia de Oliveira Agra (s/d), dissertando sobre a influência da cultura. Ao fazer conexão de suas respectivas literaturas teóricas com o corpus da pesquisa, o presente ensaio tem como alvo cumprir o objetivo de analisar trechos dessas duas versões distintas da Bíblia (*ARA* e *A Mensagem*) e como tais objetos reagem à determinada cultura e linguagem da época em que a tradução foi produzida, bem como a intencionalidade do tradutor nesta tradução literária em questão.

Assim, o corpus de pesquisa será pautado em recortes das duas versões acima mencionadas, retiradas do livro de Terceira João; entretanto, a análise se dará apenas nos versos 1, 2, 10 e 15, onde serão comparados aspectos lexicais e semânticos da língua, formas de tratamento e tempos verbais.

Considerando que o ensaio se delimita como um estudo de caso, cabe avaliar esse tipo textual segundo a perspectiva de Ludke e André (1986, p.17). Tais estudiosas, acerca do campo metodológico, defendem que o estudo de caso é referente a uma pesquisa qualitativa que irá referir-se a partir de um estudo aplicado a um único caso, ou seja, a uma pesquisa de forma singular, tendo uma abordagem bem delimitada acerca do objeto a ser analisado.

Assim, foi delineado, através do corpus de pesquisa, um estudo analítico interpretativo, dentro do contexto em que as obras a serem analisadas foram traduzidas. Uma vez que cada versão foi escrita em um determinado contexto cultural e com uma linguagem equivalente a ele, cabe ao estudo apresentar como a visão mais tradicional foi desenvolvida na tradução da versão *ARA* (1999), bem como a visão mais contemporânea na adaptação *A Mensagem* (2011), analisando como cada uma se constitui a partir de uma situação de enunciação.

Metodologicamente, o corpus de pesquisa se constitui de recortes das Sagradas Escrituras, especificamente da terceira carta do apóstolo João (3º João). Depois, fizemos uma análise comparativa entre a versão de Eugene H. Peterson, *The Message* (1993), em sua adaptação mais contemporânea e recente, *A Mensagem* (2011) e a tradicional tradução de João Ferreira de Almeida, *Almeida Revista Atualizada* (doravante, *ARA*) (1999).

Cabe ressaltar que a tradução *A Mensagem* (2011), publicada pela Editora Vida, vem da versão original no inglês *The Message*, ou seja, o objeto que iremos analisar é uma tradução a partir desse texto original. Igualmente, a tradução *Almeida Revista Atualizada* (doravante, *ARA*) (1999), vem dos originais de outras línguas como grego, hebraico e aramaico. Entretanto, o presente ensaio não faz menção dos dois textos originais.

A terceira carta de João foi escrita provavelmente nos anos 90 d.C, e possui autoria direcionada a um “presbítero”, como assim se autointitula a cada início de suas

duas outras cartas que se encontram no Novo Testamento das Sagradas Escrituras. Tal escolha do corpus se deu através da análise preliminar desse trecho, com o estudo dos elementos linguísticos e textuais, isto é, como o uso desses recursos produziu efeitos de sentido a partir da construção daquilo que chamamos de texto, neste caso, a produção textual traduzida, além de elementos culturais que ali são descritos.

Diante do exposto, o trabalho irá analisar trechos da terceira carta de João em cada uma das versões acima citadas das Sagradas Escrituras, discutindo escolhas lexicais e semânticas, bem como o uso de diferentes aspectos relacionados a formas de tratamento e tempos verbais. Além da investigação linguística, o trabalho trará uma reflexão sobre a forma que o tradutor, carregando uma responsabilidade de transmitir um efeito de sentido que atribui ao texto original, foi influenciado a transpor certas escolhas na reprodução de cada versão, sendo que suas escolhas podem resultar das escolhas feitas pelo tradutor ou do tipo do público que a mensagem se destina.

### **3 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA**

Primeiramente, a fim de dissertar sobre os teóricos que irão se tornar base para o desenvolvimento da análise, é necessário trazer evidência às características e elementos principais que a área do conhecimento estabelece.

A tradução, segundo Antoine Berman (2002), é conseqüentemente uma prática intuitiva, onde ela se inclina para os momentos da época em que ela está sendo produzida, isto é, das línguas, das culturas, das literaturas, das nações e, também, das religiões. Assim, a tradução possui um papel de se articular a esses campos ligados diretamente à área linguística e cultural.

A área da tradutologia está diretamente apoiada em conhecimentos exteriores à área da tradução, isto é, está baseada em áreas ligadas ao campo da língua e da cultura à qual pertence o público de chegada, bem como seus costumes e identidade. Segundo os especialistas, Vieira (1996) e Martins (2010):

Dentre os seus papéis, a tradução preenche uma necessidade, pois o público terá acesso ao texto; permite a expansão de uma língua; confere autoridade a uma língua; introduz novos recursos na literatura receptora; pode constituir uma ameaça à identidade de uma cultura; pode ser usada como meio de subversão de autoridade; pode conferir autoridade inerente a uma língua de autoridade a um texto originalmente escrita em outra língua que não a têm (VIEIRA, 1969, p.146, apud MARTINS, 2010, p. 64).

O ato de produzir uma tradução através de um original, hoje, é considerado um ato de “servir à obra, ao autor e à língua estrangeira” (BERMAN, 2002, p.15) ou seja, aqueles que participam diretamente com os aspectos fonte ou o ato de “servir ao público e à língua própria”, considerado tanto a língua fonte, quanto a língua de chegada do texto a ser traduzido. Em consonância a isso, a tradução pode ser considerada um processo de interpretação e transposição de um determinado texto, sendo ele literário ou acadêmico, de uma língua para outra, assim reproduzindo a mensagem do texto de partida de uma forma natural no idioma ao qual está sendo traduzido (BARNWELL, 2011, p.10), quando se prioriza servir ao público e à língua receptora.

Analogamente, trazendo à realidade do assunto a ser defendido e dissertado no presente trabalho, a tradução religiosa vem ganhando destaque significativo entre alguns especialistas da área, como também dos estudiosos linguísticos, uma vez que a tradução bíblica trouxe a interdisciplinaridade de campos externos à tradução. Edwin Gentzler, em sua obra *Teorias Contemporâneas da Tradução* (2009), traz uma reflexão acerca disso:

“De fato, a tradução bíblica tem gerado mais dados em diversas línguas do que qualquer outra prática de tradução: é uma atividade com uma história longa, que alcança muitas pessoas nas mais diversas culturas e envolve mais tradutores de origens diferentes do que qualquer outra prática na área. Também em termos genéricos, a tradução bíblica abrange todos os campos, pois, no texto, se encontram passagens de poesia e prosa, narrativa e diálogo, parábolas e leis.” (GENTZLER, 2009, p. 73).

O reconhecimento das traduções bíblicas vem ganhando relevância, uma vez que, atualmente, os conhecimentos sobre a área da tradutologia têm ganhado espaço na área linguística. É fato que as Sagradas Escrituras foram lidas quase sempre por meio de produções tradutórias, ou seja, interpretações que profissionais da área e fora da área fizeram acerca do texto original das diversas versões da Bíblia hoje, tal como o grego e o hebraico.

Segundo Marcelo Raupp (2010), estudioso sobre a base histórica da tradução bíblica, a tradução foi uma ferramenta que permitiu a transmissão da mensagem divina da bíblia durante os anos. Entretanto, o autor defende que a doutrina das Sagradas Escrituras, para alguns pensadores religiosos, o ato da tradução da Bíblia do original para algumas determinadas línguas, estaria interrompendo a mensagem das

Escrituras. Por se tratar de um texto divino e intocável, tais pensadores se perguntam se a tradução da Bíblia estaria perdendo cada vez mais a sua mensagem divina.

Porém, para outros estudiosos que dedicam suas vidas para o estudo teológico à luz das Sagradas Escrituras, a tradução bíblica permitiu que a mensagem do evangelho fosse disseminada, trazendo oportunidades de transmitir uma doutrina, assim como um estilo de vida para o público que se inclina a tópicos religiosos. A tradução, principalmente da Bíblia, trouxe algo relevante para as sociedades desde os tempos de seu texto original, já que elencou a importância de disseminar identidade e valores.

Além dessas tensões acerca da tradução bíblica, um dos objetos a serem analisados no presente trabalho é uma tradução bíblica, equivalente a uma adaptação, esta, chamada de *A Mensagem* (2011). Tal versão traduzida tem conquistado espaço para o público atual, aqueles que simpatizam com uma linguagem utilizada no dia a dia na presente era contemporânea, isto é, uma tradução contemporânea da Bíblia com base nas línguas originais, mas que busca preservar a “essência” das Sagradas Escrituras na linguagem diária.

A Bíblia *A Mensagem* (2011), tradução da versão original do texto *The Message*, de Eugene H. Peterson, o qual foi um renomado poeta, acadêmico, escritor e pastor, tem como principal foco, segundo ele, não “substituir as excelentes versões da Bíblia já disponíveis”. O autor não tinha a intenção de escrever uma nova versão de tradução da Bíblia, assim como as outras que já destacamos acima, ou seja, seu real objetivo era escrever um texto bíblico que tivesse uma leitura dinâmica e que levasse pessoas a lerem a Bíblia, de forma que elas entendessem claramente o texto, assim como renovar o interesse nas Sagradas Escrituras.

Versão mais próxima a NTLH (*A Nova Tradução na Linguagem de Hoje*), *A Mensagem* (2011) possui um formato moderno, em termos de estrutura textual, maior detalhamento nas expressões e palavras e pronomes de tratamento mais usuais nos dias de hoje. Isso, com o intuito de apresentar um discurso textual religioso mais acessível ao público contemporâneo - facilitando a compreensão e, principalmente, o aprendizado daquele texto traduzido.

Porém, há especialistas que se aprofundam no estudo teológico religioso que criticam o uso da linguagem contemporânea nas traduções bíblicas, argumentando que determinada tradução que possui palavras ou expressões inclinadas à linguagem formal, a qual pretende atingir o público jovem ou aqueles que buscam uma compreensão mais clara dos ensinamentos bíblicos, é um ato de corromper e de não cumprir o efeito de sentido que a tradução do texto religioso tem o papel de realizar (RAUPP, 2010).

Em contraposição a isso, Antoine Berman (1995) defende que há um desejo de fazer a mensagem bíblica compreensível, de transmiti-la de forma acessível, mas é necessário entender como e o que significa traduzir nessas circunstâncias. Considerando que a Sagrada Escritura possui um efeito de sentido a ser zelado, com a responsabilidade de transmitir o evangelho de Jesus Cristo e a linguagem que ela possui, podendo ser mais culta ou mais informal não deve interferir na mensagem divina transmitida ao público-alvo, mas apenas auxiliar na compreensão dela.

Por outro lado, o objeto a ser usado como base para a comparação com a adaptação mencionada anteriormente, a versão mais conhecida como ARA (*Almeida Revista Atualizada*), é mundialmente reconhecida como uma tradução “fiel” aos textos originais, uma vez que o texto se dispõe de uma forma apresentavelmente rebuscada e extremamente formal. Essa constatação vem de pensadores que se inclinam a textos que buscam a seriedade que um texto religioso pede, o qual traz concordâncias da língua portuguesa que não são mais usuais, um exemplo é o uso de expressões como “vós”, “convosco”, “porei”, “dize-lhe”.

Entretanto, há pensadores religiosos que preferem a versão ARA para obter um conhecimento mais aprofundado e intelectual das Sagradas Escrituras, principalmente aqueles que possuem carreiras direcionadas à teologia. Assim é compreensível que estes gostem de uma versão que cumpre com os dizeres rebuscados que remetem a tempos passados. Vale ressaltar que para alguns leitores da Palavra de Deus essa versão pode parecer quase incompreensível, uma vez que a linguagem não é acessível a um leitor contemporâneo e fluente para ser lida e absorvida.



Segundo o site Sociedade Bíblica Brasileira, o propósito da revisão da versão ARA (Almeida Revista Atualizada) era “formatar um texto em “linguagem atualizada sem desnaturar certa linguagem bem antiga e tudo sem fugir ao original”:

“O propósito da revisão, que resultou na Revista e Atualizada, era formatar um texto em “linguagem atualizada sem desnaturar certa linguagem bem antiga e tudo sem fugir ao original”. Isto significa que a Revista e Atualizada, além de ser fiel ao original e preservar o estilo de Almeida, é bem menos arcaica do que o antigo Almeida (preservado na Revista e Corrigida)” (SBB).

Diante deste cenário, é indispensável elencar o principal especialista em tradução religiosa, linguista e pastor no protestantismo americano: Eugene Nida. Assim, a partir de sua experiência como tradutor do discurso religioso, Nida (1964), em sua obra mais marcante *Towards a Science of Translation*, teoriza e expõe dois métodos de tradução: a equivalência formal e a equivalência dinâmica.

Primeiramente, a equivalência formal traz como base a tradução descrita como “palavra por palavra”, de forma literal, onde o tradutor e estudioso das línguas originais irá manter as estruturas e os efeitos de sentido advindos do grego e do hebraico (línguas originais do Velho Testamento e do Novo Testamento). O método da equivalência formal traz enfoque maior na permanência da forma e da estrutura do texto fonte (original), uma vez que reconhece qual é a língua alvo que o texto será lido e compreendido, respeitando as regras gramaticais e linguísticas de determinada língua ao qual o texto será traduzido.

Em *Teorias Contemporâneas da Tradução* (2009), Edwin Gentzler, responde a esse método dizendo

“[...] O texto traduzido, segundo Nida, deveria produzir uma resposta na leitura, na qual cultura, “essencialmente igual” à resposta dos receptores “originais”; se isso não acontecer, ele sugere que sejam feitas mudanças no texto para que se obtenha essa resposta inicial (Nida & Taber, 1969:202)” (GENTZLER, 2009, p.82).

Diferentemente, a equivalência dinâmica se baseia primariamente na aproximação do sentido do texto original para aquele que está sendo traduzido, isto é, traz a noção de uma paráfrase produzida a partir do texto fonte. Tal método tem como objetivo manter de forma prioritária a fluência da língua-alvo, respeitando e mantendo as estruturas e as regras que ela possui - não se detendo à língua grega e hebraica (línguas originais do Velho Testamento e do Novo Testamento).

A equivalência dinâmica renuncia à estrutura e das regras gramaticais da língua fonte para dar ao texto de chegada uma naturalidade que apenas a própria língua consegue corresponder. Segundo Edwin Gentzler, também em sua obra *Teorias Contemporâneas da Tradução* (2009), cita Nida (1964) acerca desse outro método:

“Em tal tradução, não há tanto interesse em combinar a mensagem da língua receptora com a mensagem da língua-fonte, mas sim pela relação dinâmica; que a relação entre o receptor e a mensagem seja substancialmente a mesma que existia entre os receptores originais e a mensagem” (Nida, 1964: 159 apud GENTZLER, 2009, p.82).

Com isso, cabe ressaltar que é indiscutível perceber a ligação direta das duas versões traduzidas das Sagradas Escrituras *ARA* e *A Mensagem* com os dois métodos de equivalência propostos por Nida. *A Mensagem*, tida como uma linguagem contemporânea destinada a um público que se inclina para uma fácil compreensão e absorção da Palavra de Deus, seria um processo destinado ao método de equivalência dinâmica, onde o autor tem o compromisso de manter uma compreensão melhor e maior da tradução produzida a partir do público que irá ter contato com esse texto, ou seja, da língua alvo que esse público está comprometido.

Por outro lado, a versão da tradução das Sagradas Escrituras, *ARA* (Almeida Revista Atualizada), também pode ser relacionada à teoria dos métodos de tradução de Nida. Tal versão pode ser referenciada a partir do método de equivalência formal onde, a partir da língua original, procura-se manter de forma rígida e singular a estrutura e as regras linguísticas que a língua grega e hebraica possuíam na época do manuscrito original das Sagradas Escrituras. Por isso, a versão *ARA* possuiria uma linguagem mais erudita e coloquial, uma vez que tentaria estar mais próxima formalmente dos originais, pendendo para uma estrutura gramatical mais clássica. No entanto, tomamos essa interpretação como uma suposição, mediante o que dizem os tradutores e leitores eruditos sobre tais versões, já que não nos coube aqui fazer uma comparação com o texto escrito em suas línguas primeiras.

Ademais, é imprescindível descrever os processos de tradução de um texto religioso elencando a importância que o texto religioso possui, seja ele original ou uma produção tradutória. As Sagradas Escrituras possuem um caráter de cunho divino e religioso, carregando em si uma responsabilidade de transmitir através de suas páginas e ensinamentos o evangelho de Jesus Cristo, ou seja, o papel do tradutor ao

reproduzir esse efeito de sentido na tradução se torna indispensável para a disseminação da Palavra de Deus.

Com isso, é relevante trazer estudiosos que possuem pesquisas acerca da intencionalidade do tradutor ao transmitir uma mensagem a partir do texto fonte, esses são Hans Vermeer (1989) e Christiane Nord (1988).

Segundo Vermeer (1989), a tradução “é uma ação humana e portanto, intencional e repleta de propósitos”, ou seja, o tradutor responsável por transmitir um efeito de sentido para o receptor e que carrega em si mesmo uma intenção de assumir ou não uma comunicação entre o texto de partida e o texto de chegada. Entretanto, cabe salientar que tal comunicação depende inteiramente da tradução e do receptor que irá absorver o efeito de sentido, uma vez que ambos possuem interpretações que irão influenciar no modo em que enxergam o texto original e, conseqüentemente, a tradução.

Segundo Christiane Nord (1988), existem elementos que influenciam na disposição da intencionalidade do tradutor no seu processo de construção de texto, a saber: elementos extratextuais e elementos intratextuais. O primeiro se refere a aspectos que o tradutor deve analisar antes mesmo do texto original ser produzido, uma vez que o contexto influencia o processo tradutório. Os elementos intratextuais são aqueles referentes ao texto em si, aspectos que existem dentro do corpo do texto que auxiliam na busca da intencionalidade do tradutor. Nord utiliza-se desses elementos para trazer uma noção de que existe uma dependência de compreensão tanto do emissor do texto de partida, quanto do receptor.

É importante ressaltar ainda, que o texto religioso, de acordo com o objeto a ser analisado, participa de um gênero que tem uma finalidade ou um alvo para se atingir ao ser traduzido. Por isso, cabe entender que o tradutor ao depositar na tradução um processo de interpretação, ele irá transmitir um propósito de alcançar um determinado público, através de uma linguagem acessível ou não, a fim de disseminar as Sagradas Escrituras. Dessa forma, o tradutor tem um papel principal de alcançar um determinado público, a fim de apresentar a ele aspectos religiosos como: valores e uma identidade a ser seguida, assim como um sentimento de pertencimento, através da linguagem e da estrutura, bem como da cultura daquele tempo, ao ler a Bíblia.

Não obstante, por se tratar de um texto que possui relevância para além do campo literário, a Bíblia, sendo o livro mais lido do mundo, possui uma mensagem que deve ser transmitida. Tanto o autor dos manuscritos da bíblia, quanto os tradutores e adaptadores das novas versões, possuem um dever de manter a bíblia, com um livro sagrado, sem trazer mudanças em seus efeitos de sentido. Tal efeito não influencia diretamente na mudança da língua ou na troca de palavras e expressões, mas buscando uma adaptação que respeite a cultura e o contexto ao qual o público-alvo está inserido.

Juntamente com Reis, Vermeer (1996) traz uma visão sobre a tradução e o receptor, chamada “Teoria do escopo”, a qual, no grego, *skopos* significa “meta, alvo, função”. Tal teoria se baseia no fato de identificar a finalidade da tradução, onde o receptor é o sujeito que trará a resposta que delimita a função da tradução naquela determinada situação. Cabe à tradução corresponder às expectativas do público-alvo, aquele em questão que irá receber o texto traduzido, assim como a forma como ele terá acesso a ele.

Ainda, Vermeer (1989) irá apresentar que é a partir da comunicação do receptor e dos participantes da situação que se fazem as ações e os processos de tradução serem intencionais e atingirem um propósito específico. É apenas através deste canal do receptor que a tradução transmite um significado único para o texto a ser lido, porque cada leitor é único. Com isso, ele expõe que toda a ação é sempre determinada por uma decisão, a qual possui inúmeras maneiras de se realizar, uma vez que tais decisões podem refletir no agir ou no não agir.

Assim, trazendo para a realidade do corpus de pesquisa, cada receptor e leitor das Sagradas Escrituras, sendo ele mais adepto à versão contemporânea ou aquele que simpatiza mais com a versão de linguagem tradicional, ambos realizam um processo de interpretação que, ao terem contato com o texto traduzido irão compreender e absorver o texto de forma particular. Igualmente o tradutor da obra, ao depositar no processo tradutório uma reprodução de sua interpretação acerca da obra original, faz escolhas e decisões acerca do texto de chegada, produzindo seu próprio efeito de sentido naquela versão, trazendo para o público um propósito estabelecido.

A fim de introduzir, por fim, a influência da cultura e como isso se estabelece na tradução, Edwin Gentzler cita Nida em sua obra *Teorias Contemporâneas da Tradução* (2009), onde o autor expressa que

“Nida se apoiou em um extenso trabalho de campo que mostrava que a mensagem religiosa frequentemente deixava de ser comunicada por causa de diferentes contextos culturais e visões de mundo. Ele compreendeu, enfim, que o significado não pode ser separado da experiência pessoal e da estrutura conceitual da pessoa recebendo a mensagem. Concluiu que as ideias “devem ser modificadas” para se encaixar no mapa conceitual da experiência do contexto diferente (Nida, 1960: 87 apud GENTZLER, 2009, p.80).

Assim, a tradução religiosa, influenciada pelo contexto cultural onde ela é produzida, pode resultar em mudanças de ideias, podendo interferir na comunicação eficiente da mensagem religiosa. É importante entender que o tradutor absorve para si e para seu processo tradutório a cultura do texto de partida e traz para a cultura do texto de chegada uma comunicação a fim de atingir determinado público-alvo.

Klondy Lúcia Agra (s/d), mestra em linguística e especialista em tradução e cultura, disserta sobre a importância da cultura nos dias de hoje:

“A cultura de um povo, forma o seu mundo (*sic*). Estes mundos variam no estilo de construção, em sua operação e manutenção, nas entidades que os preenchem, decoram e obstruem-os. Variam também em categorias e classes que estes mundos permitem serem classificados. A base de qualquer código cultural é um sistema ideológico através do qual o mundo é definido, descrito e entendido.” (AGRA, s/d).

Assim, a cultura do povo que o texto de chegada busca atingir deve necessariamente permitir e reconhecer mecanismos invisíveis, não só linguísticos, para assim estar comunicando uma recepção do texto de partida com o texto de chegada. A cultura de um determinado povo ou de um público-alvo precisa ter em vista a construção de um sentido e um significado para que assim a tradução tenha um efeito de sentido completo para o destinatário, segundo diz Agra:

“Assim, quando se procura a equivalência, passa-se a ler a cultura, no sentido restrito, como estratégia de desambiguação, com vista à construção dos sentidos e atualização do significado e obtém-se a certeza de que uma tradução só terá sucesso, como foi dito anteriormente, com o necessário conhecimento da língua pelo autor e com seu envolvimento cultural, tanto com a cultura do autor quanto com a cultura de sua audiência.” (AGRA, s/d).

Além disso, a cultura está diretamente ligada aos valores e as identidades que aquele determinado público-alvo se relaciona, uma vez que é a partir desses parâmetros que o receptor irá desenvolver uma interpretação e uma visão clara e compreensível do texto traduzido - esse fator e outros influenciam na forma como a

tradução e a cultura se mesclam a fim de compreender uma mensagem. Portanto, assim acontece como as duas versões da Bíblia, a versão mais tradicional *ARA* possui valores e inclinações que somente o público-alvo, quando foi escrita e quando foi lida, pode compreender e absorver da melhor forma a mensagem, na adaptação *A Mensagem*, o tradutor também tem uma intenção de facilitar a língua tendo em mente um determinado público moderno que possui simpatia com as estruturas de uma mais contemporânea.

Ambos as versões se definem a partir do contato com o contexto que o indivíduo se insere. Segundo Agra (s/d)

“A definição de cultura, adiantada anteriormente, traduz-se como a totalidade das formas espirituais / intelectuais (ciência, arte, ética religião, educação, língua), sociais (política, sociedade) e materiais (técnica, economia) que são veículo de manifestação da vida humana, e assim, podemos enumerar, sem dúvida, os campos do saber que, no espaço e no tempo, o tradutor tem de estar preparado para acionar.” (AGRA, s/d).

Finalmente, após a exposição da fundamentação teórica que possui base primordial no presente trabalho, iremos desenvolver a análise dos recortes do objeto pré-determinado: A terceira carta do apóstolo João. Serão analisados a seguir elementos linguísticos, tais como aspectos lexicais e semânticos da língua, formas de tratamento e tempos verbais.

#### **4 ANÁLISE**

O corpus da pesquisa está pautado na Terceira Carta de João, no único capítulo que a compõe, nos versos 1, 2 ,10 e 15. Tal análise se dará através de uma comparação entre a versão *ARA* (Almeida Revista Atualizada) (1999) e a adaptação *A Mensagem* (2011), trazendo uma investigação sobre tópicos da linguística e uma reflexão cultural.

Antes de explorar a análise dos versos destacados, é necessário trazer o contexto em que tal texto religioso foi escrito. A terceira carta de João foi escrita por um presbítero e direcionada a um homem chamado Gaio, o qual é muito elogiado por seu testemunho e devoção ao evangelho de Cristo. Na carta, o presbítero recomenda a Gaio que recebesse e abrigasse um grupo de cristãos que foram liderados por Demétrio, o qual havia pregado as boas novas de Cristo na área onde Gaio vivia, ou seja, ele teria a responsabilidade de guiar a jornada cristão com tal grupo.

Com isso, iremos analisar alguns versos da carta para reforçar e elencar a fundamentação teórica acima apresentada.

Primeiramente, no primeiro e segundo versículo da terceira carta de João iremos analisar duas formas de tratamento utilizadas diferentemente na versão *ARA* (1999) e *A Mensagem* (2011). De acordo com os trechos abaixo, iremos extrair as duas formas de tratamento que iremos analisar:

**Quadro 1.** Comparação entre a versão e a adaptação do versículo 1, na terceira carta de João

<b>Versão Almeida Revista Atualizada (ARA) (1999)</b>	<b>Adaptação A Mensagem (2011)</b>
O presbítero ao amado Gaio, a quem amo na verdade (ARA, 1999, p.199).	O pastor, ao meu bom amigo Gaio: amo você de verdade! (A MENSAGEM, 2011, p.1751).

Fonte: construído pela pesquisadora

Esse trecho corresponde à introdução da terceira epístola de João, traz consigo uma breve apresentação e saudação de quem está escrevendo a carta e a quem ele está destinando tal mensagem. De acordo com o versículo, a pessoa que está redigindo a carta se autointitula como “presbítero”, na versão *ARA* e “pastor”, na adaptação *A Mensagem*.

Entretanto, é necessário entender que quem está escrevendo essa carta é João, o evangelista, porém, ele se apresenta no prefácio da carta como “presbítero”/“pastor”. Por esse motivo, a apresentação desse destinatário fica mais clara quando interpretada de forma eloquente ao público-alvo de determinada língua e cultura.

Na versão *Almeida Revista Atualizada* (ARA) (1999), a forma que tratamento referente ao remetente da carta é “presbítero”. Essa expressão possui o sentido de apresentar e evidenciar a personalidade e a característica do ministério de quem estaria redigindo a carta; tal escritor poderia ser interpretado de uma forma que é perceptível sua forte influência na transmissão do evangelho de Jesus Cristo na época. A forma de tratamento “presbítero”, no contexto do cristianismo, pode trazer a

conotação de alguém que possui maturidade na fé cristã, aquele que auxilia na vida da igreja e dos seguidores de Cristo.

Entretanto, a palavra pode causar estranhamento quando recebida pelo público mais moderno. Apesar de haver um significado que simplifique e traga um entendimento mais próximo e esclarecer do que “presbítero” significa, tal palavra pode ser desconhecida para muitas pessoas que buscam uma leitura fluída e sem muitas complexidades de compreensão, as quais procuram uma versão que não se necessite do auxílio de dicionários, mas, que com uma simples leitura, elas possam ter um entendimento concreto do que o texto quer passar.

Paralelamente a isso, a adaptação *A Mensagem* traz uma mudança significativa de forma de tratamento. Esta optou por trazer a opção de “pastor” como um influente clerical na igreja cristã. A expressão se aproxima relativamente com a palavra “presbítero”, entretanto, traz a noção direta de que é uma pessoa que dedica sua vida inteiramente ao evangelho de Jesus Cristo, ajudando a comunidade da igreja local. É uma expressão que possui um sentido direto para aquele público que, ao ler, entende rapidamente que é uma pessoa dedicada à igreja.

Cabe ressaltar que “presbítero” é uma palavra mais usual no contexto e na cultura das igrejas e que pode ser restrito ao público que não possui o hábito de frequentar esse tipo de ambiente. Por outro lado, “pastor” é uma forma de tratamento mais comum encontrada fora de contextos da igreja, pois exerce seu papel de forma que abrange a sociedade, ou seja, o público que não frequenta e não tem o hábito ainda assim entende o papel e a função, diferentemente de “presbítero”.

O termo “pastor” pode se referir a um cargo que abrange muitas denominações e é pode ser conhecido por um grande número de religiosos, podendo ser tanto da versão *A Mensagem* quanto na versão ARA. Entretanto, “presbítero” se refere a um cargo que talvez nem para todo público-alvo seja compreensível a ideia de um ministro religioso ou que possui certa relevância divina dentro da igreja.

Entretanto, o público-alvo que remete as traduções, pode compreender claramente que tanto “presbítero” quanto “pastor” se referem a indivíduos que possuem um papel de líder e que possui certa relevância ministerial dentro da igreja.



Adiante, a seguir será mostrado uma segunda forma de tratamento no segundo versículo utilizada na carta:

**Quadro 2.** Comparação entre a versão e a adaptação do versículo 2, na terceira carta de João

<b>Versão Almeida Revista Atualizada (ARA) (1999)</b>	<b>Adaptação A Mensagem (2011)</b>
Amado, acima de tudo, faço votos por tua prosperidade e saúde, assim como é próspera a tua alma (ARA, 1999, p.199).	Somos os melhores amigos, e oro para que tenha êxito em tudo que fizer e tenha boa saúde. Que suas atividades prosperem, assim como sua alma! (A MENSAGEM, 2011, p.1751).

Fonte: construído pela pesquisadora

A expressão utilizada pelo remetente da carta, referindo-se a Gaio, na versão ARA (1999), é “Amado”, uma vez que na adaptação *A Mensagem* (2011) foi usada a seguinte forma: “Somos os melhores amigos”.

Na versão *Almeida Revista Atualizada*, a forma como o narrador se refere a Gaio como amado diz respeito a uma grande afetuosidade e carinho por alguém que há muito respeito e amor por ela. O autor da carta está salientando que Gaio é um amigo muito querido por ele, mostrando uma interpretação para os leitores de que ambos seriam muito próximos e que possuíam certa intimidade e relacionamento em razão de tal uso de “amado”.

Através da interpretação do versículo, é possível identificar que o autor começa esse excerto caracterizando Gaio, pois ele quer trazer uma ênfase introdutória para, após isso, elogiá-lo e desejar prosperidade em sua vida. O narrador quer trazer nesse versículo e, conseqüentemente, nessa forma de tratamento, uma amizade existente entre os dois, o que vai se concretizar com o pedido que o autor faz para Gaio de acolher esse grupo de cristãos, pois tinha certa confiança nele.

Em comparação com a versão ARA (1999), a adaptação *A Mensagem* (2011) traz uma forma diferente de tratamento em relação a Gaio, ela opta por transformar essa característica de “amado”, vocativo apenas relacionado a Gaio, e coloca o autor da carta como participante da enunciação. A forma de tratamento “somos os melhores amigos” agora faz junção do narrador e Gaio em uma só expressão, trazendo a noção

mais clara de proximidade e amizade (“melhores amigos” entre eles, além de evidenciar um diálogo com o destinatário da carta através do verbo “ser” na 1ª pessoa do plural do indicativo, colocando em evidência o narrador juntamente com Gaio.

Assim, é importante elencar que, tanto a expressão “somos os melhores amigos” quanto a palavra “amado”, trouxeram compreensão sobre um companheirismo entre o narrador e seu grande amigo Gaio. Ambos os públicos-alvo das duas traduções, o da linguagem moderna ou o da tradicional, teriam uma clareza em entender o que o tradutor de cada versão queria transmitir como efeito de sentido: a afeição e a intimidade entre os dois amigos.

Entretanto, coube a cada tradutor adequar e adaptar a linguagem ao leitor. No exemplo de *A Mensagem* (2011), “somos os melhores amigos” soaria de forma mais familiar e mostraria uma intimidade e convivência maior entre eles, o que na *ARA* (1999), talvez, fosse apresentado com essa intenção, mas que não houvesse evidência clara para o público sobre a grande amizade entre dois.

No versículo 10, o trecho abaixo irá ser comparado em relação ao tempo verbal nas duas traduções.

**Quadro 3.** Comparação entre a versão e a adaptação do versículo 10, na terceira carta de João.

<b>Versão Almeida Revista Atualizada (ARA) (1999)</b>	<b>Adaptação A Mensagem (2011)</b>
Por isso, se eu for aí, far-lhe-ei lembradas as obras que ele pratica, proferindo contra nós palavras maliciosas. (ARA, 1999, p.199).	Se eu for, estejam certos de que vou chamá-lo à responsabilidade por espalhar notícias falsas sobre nós (A MENSAGEM, 2011, p.1751).

Fonte: construído pela pesquisadora

Neste trecho, o narrador da carta está relatando a Gaio um problema que estava afetando a igreja local e, conseqüentemente o grupo de cristãos. Ele estava se referindo a Diótrefes, o qual não reconhecia a autoridade do narrador da carta e gostava de ser autoritário em termos de liderança na igreja, almejando sempre estar em evidência. Assim, o narrador está chamando a atenção de Gaio para isso, dizendo que iria confrontar Diótrefes.

A utilização da expressão “far-lhe-ei” na versão mais tradicional da Bíblia Sagrada, ARA (1999), é chamada, dentro da sintaxe do português, de mesóclise, que é usada com o futuro do presente do indicativo, como colocação pronominal. A mesóclise é a colocação pronominal no meio de um verbo, isto é, é quando um pronome fica intercalado ao verbo. Dessa forma, o início do verbo é “far” e a terminação verbal é “ei”, ambos são separados por um pronome “lhe”. Com isso, em relação ao tempo verbal, o futuro do presente é o tempo verbal do modo indicativo no trecho acima e, de acordo com a norma sintática, se refere a uma ação que ainda não aconteceu o que está sendo enunciado, mas acontecerá num futuro.

Por outro lado, na adaptação *A Mensagem* (2011), a expressão utilizada foi “vou chamá-lo” dando a mesma noção de que o narrador estaria se referindo à ação de confrontar Diótrefes, enquanto, nesta versão foi usado um termo verbal mais coloquial que “far-lhe-ei”. O tempo verbal predominante nessa expressão, primeiramente com o verbo “vou” no presente e, em seguida, “chamar”, que está no tempo presente do indicativo, apresenta uma interpretação de que a ação irá acontecer, mas usando uma forma mais informal, implicando também que já estaria em processo – já que “vou” é forma do presente do indicativo. Em adição a isso, o pronome oblíquo átono (-lo) complementa dando ênfase a quem está se referindo, neste caso, Diótrefes. Ainda, cabe ressaltar que o verbo “chamá-lo” está no presente do indicativo, mas, semanticamente, se refere ao tempo futuro de modo informal.

Assim, ambas as traduções apresentam efeitos de sentido semelhantes. Tanto a versão ARA (1999) quanto *A Mensagem* (2011) querem passar o mesmo efeito de sentido, englobando um contexto por trás da problemática central da carta: Diótrefes. O narrador da carta deixa explícito nas suas traduções que era necessário falar com Diótrefes sobre suas atitudes na igreja local e que havia certa responsabilidade no que ele iria fazer.

Entretanto, apesar das duas traduções transmitirem a mesma ideia, uma possui maior ênfase no tempo em que a frase foi dita, isto é, foi uma escolha que o tradutor optou por tirar ou adicionar certas circunstâncias. Na versão *Almeida Revista Atualizada* (ARA), o verso “Por isso, se eu for aí, far-lhe-ei lembradas as obras que ele pratica, proferindo contra nós palavras maliciosas.” apresenta uma interpretação aos leitores de que, se acontecer de o narrador ir até a igreja local, ele iria falar com

Diótrefes, ou seja, não é certeza que essa ação iria acontecer no tempo presente ou com urgência.

Essa afirmação pode ter fundamento no tempo verbal da expressão “far-lhe-ei”, onde o verbo está no futuro do presente do indicativo – a ação ainda não aconteceu. Assim, a tradução traz que o narrador tinha uma responsabilidade de falar com Diótrefes, mas que não era imediata.

Por outro lado, na adaptação *A Mensagem*, o verso “Se eu for, estejam certos de que vou chamá-lo à responsabilidade por espalhar notícias falsas sobre nós.” deixa mais clara a vontade do narrador de ir conversar com Diótrefes de forma imediata. Essa afirmação tanto está presente no contexto do verso, onde o narrador diz “estejam certos” e quando ele usa a expressão verbal “vou chamá-lo”, dando uma confirmação e certeza para os leitores e Gaio de que ele irá confrontar Diótrefes o mais cedo possível.

A seguir, faremos a análise de pronomes e escolhas lexicais do verso 15:

**Quadro 4.** Comparação entre a versão e a adaptação do versículo 15, na terceira carta de João.

<b>Versão Almeida Revista Atualizada (ARA) (1999)</b>	<b>Adaptação <i>A Mensagem</i> (2011)</b>
A paz seja contigo. Os amigos te saúdam. Saúda os amigos, nome por nome (ARA, 1999, p.199).	A paz esteja com você. Os amigos aqui enviam saudações. Cumprimente nossos amigos aí, um por um (A MENSAGEM, 2011, p.1751).

Fonte: construído pela pesquisadora

Primeiramente, cabe contextualizar onde tal versículo se encontra dentro do campo desta carta. O verso número 15 da Terceira Carta de João, segundo a versão *ARA*, e o verso 14, na adaptação *A Mensagem*. Tais trechos trazem uma saudação final para Gaio e para os leitores que, posteriormente, irão ler a carta. O narrador está cumprimentando Gaio e os irmãos na fé da igreja local, assim como os “amigos” que estão juntos com o narrador enquanto este escreve.

No início do verso, o narrador saúda Gaio dizendo “A paz seja contigo”, onde a expressão “contigo” é um pronome oblíquo tônico, pertencente à segunda pessoa do singular, referente ao “tu”, no caso reto. Assim, nessa saudação, o narrador da carta está dizendo, de forma mais usual, “a paz seja com você”, se referindo à Gaio que, nesse caso, seria a segunda pessoa do singular, com quem o narrador está falando. Entretanto, o uso de “contigo” pode ser caracterizado de uma forma mais formal e rebuscada nos dias atuais, uma vez que não é comum o uso desse pronome em um diálogo ou até mesmo em situações mais coloquiais.

Essa característica se confere à versão mais tradicional da Bíblia Sagrada, *Almeida Revista Atualizada*, onde foi adotado tal uso do pronome de forma não tão usual, assim, para dar ênfase não apenas ao tempo em que o texto foi escrito, mas também à intencionalidade do tradutor de transmitir uma mensagem menos coloquial e séria ao público.

Por outro lado, vemos na adaptação *A Mensagem* o contrário. No verso ela se utiliza de uma forma mais comum e contemporânea da expressão: “A paz esteja com você”, utilizando “com você” em contradição a “contigo”, dessa forma, trazendo uma proximidade com a linguagem utilizada pelo público-alvo que estaria lendo essa versão mais moderna para os dias de hoje, mantendo uma compreensão mais clara e usual da língua.

Ainda no verso 15, podemos observar as diferentes escolhas lexicais que ambas as traduções fizeram. Nesse caso específico, os usos de “nome por nome” na versão *ARA* e “um por um” na adaptação *A Mensagem* teriam significados e efeitos de sentidos semelhantes, isto é, ambos estão trazendo ênfase para cada indivíduo na situação. Entretanto, o uso de “nome por nome” trouxe maior relevância para o cumprimento de pessoa a pessoa, considerando esses indivíduos pessoas que possuem certa importância no enredo. Em contraposição, “um por um” não traz um sentido concreto de que exista uma proximidade ou que os indivíduos em questão são considerados relevantes.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Portanto, com a exploração da análise, é possível observar que ambas as traduções possuem suas características e particularidades para focos específicos e contextos diversos dentro da mesma carta. É perceptível enxergar que tanto a tradução da *Almeida Revista Atualizada* contempla uma linguagem mais tradicional e erudita, e a adaptação *A Mensagem* também assume o mesmo propósito, porém possui uma linguagem mais moderna, transmitindo ideias próximas ao público-alvo a que se destina. Assim, a cultura tem um papel importante nas análises acima, uma vez que é por meio dela que a produção do texto pelo tradutor ocorre, e ele é influenciado por ela. Com a inserção e relevância do contexto cultural da contemporaneidade ou da erudição, assim como a linguagem que os acompanha, o tradutor consegue transferir na tradução sua interpretação acerca dos valores e ideais de onde determinada cultura está estabelecida.

É papel do tradutor visualizar que certo texto possui um foco maior em um público mais moderno e atual, demandando uma linguagem e interpretação mais acessível o que, muitas vezes, em textos mais tradicionais, os quais que possuem marcas linguísticas mais complexas não tem essa mesma abordagem, necessitando de uma linguagem mais formal que o público-alvo desse texto requer, podendo ser estudiosos da religião que se inclinam para esse tipo de linguagem textual.

Portanto, a fim de concluir este trabalho, cabe ressaltar alguns pontos importantes abordados dentro do tema da tradução no texto religioso. Os recortes do corpus analisado cumpriram o objetivo de apresentar diferenças linguísticas e semelhanças nos efeitos de sentido que a terceira carta de João traz - sem fazer juízo de valor entre as duas traduções *Almeida Revista Atualizada* (ARA) e *A Mensagem*, já que ambas transmitem o efeito de sentido e o significado que o determinado texto religioso propôs. Isso foi realizado independente da linguagem e da cultura de determinado público-alvo, pois a mensagem divina foi transmitida e alcançou um sentido completo nas duas traduções abordadas.

Através dos teóricos analisados, Edwin Gentzler, Eugene Nida, Antoine Berman, Christiane Nord, Hans Vermeer e Klondy Agra, foi possível analisar os

recortes escolhidos através de uma ótica de métodos de tradução, propósitos, intencionalidade e a importância da cultura e linguagem para a produção de uma tradução.

Cabe ressaltar que por trás de todo processo de tradução existe uma intenção e um propósito a ser cumprido através dela; a tradução é uma interpretação acerca de abordar um contexto cultural e linguístico para atingir um determinado público-alvo que está consumindo tal tradução. Independentemente dos métodos utilizados e da linguagem moderna ou tradicional, a tradução tanto de *A Mensagem* e a *Almeida Revista Atualizada*, possuem públicos diferentes que procuram uma versão das Sagradas Escrituras que seja agradável e que corresponda à linguagem e a uma forma de comunicação que o texto que se dirige a eles transmite.

Logo, o presente trabalho foi relevante para compreender como a área de tradução conseguiu cumprir o propósito de se articular com o texto religioso, apesar de ser uma interpretação do ponto de vista do tradutor, e obter êxito no efeito de sentido em cada uma das traduções abordadas.

A mensagem divina do texto religioso foi transmitida, apesar das mudanças linguísticas e diferentes contextos culturais dos leitores, ou seja, ela teve alterações entre uma versão e outra, porém, o processo de uma tradução é viva, ela pode se renovar e se refazer através de diferentes interpretações presentes em diversos contextos.

## REFERÊNCIAS

AGRA, K. L. O. **A integração da língua e da cultura no processo de tradução.** Biblioteca online de ciências da comunicação. LabCom Communication and Arts. Universidade Beira Interior, Portugal. s/d. Disponível em: <http://www.bocc.ubi.pt/pag/agra-klondy-integracao-da-lingua.pdf> Acesso em 10 de maio de 2023.

BARNWELL, Katharine. **Tradução bíblica:** um curso introdutório aos princípios básicos da tradução. Tradução de Mary Daniel. 3a ed. Barueri, São Paulo: Sociedade Bíblica do Brasil; Anápolis, Goiás: Associação Internacional de Linguística, 2011.

BERMAN, Antoine. **A Prova do Estrangeiro**: cultura e tradução na Alemanha romântica: Herder, Goethe, Schlegel, Novalis, Humboldt, Schleiermacher, Holderlin. Tradução de Maria Emília Pereira Chanut. Bauru: EDUSC, 2002.

BERMAN, Antoine. **Pour une critique des traductions**: John Donne. Paris: Gallimard, 1995.

BÍBLIA SAGRADA. Nova Tradução na Linguagem de Hoje. São Paulo: Paulinas Editora, 2005.

BÍBLIA SAGRADA. Nova Versão Transformadora. São Paulo: Mundo Cristão, 2016.

BÍBLIA SAGRADA. Traduzida em português por João Ferreira de Almeida. Almeida Revista Atualizada. Barueri - SP: Sociedade Bíblia do Brasil, 1999, 2 ed.

BRITO, Cristiane. O discurso que (re)vela o tradutor. In: **Trabalhos em Linguística Aplicada**. Campinas, 49(1): 53-67, Jan./Jun. 2010.

GENTZLER, Edwin. A "ciência" da tradução. In: **Teorias contemporâneas da tradução**. Trad. Marcos Malvezzi. 2 ed. São Paulo, Madras, 2009. p.71-106.

LEAL, A.B. **Funcionalismo e tradução literária**. A intenção do autor no processo de tradução literária. I Simpósio Internacional e XI Simpósio Nacional de Letras e Linguística. 2006.

LIMA, F.; PINHEIRO-MARIZ, J. **Ponderações sobre a tradução bíblica para linguagem contemporânea**. Revista UNIABEU Belford Roxo, v.9, n.21, Jan/Abril. 2016.

LÜDKE, Menga e ANDRÉ, Marli E. D. A. **Pesquisa em educação**: abordagens qualitativas. São Paulo: EPU, 1986.

NORD, Christiane [1988]: **Text Analysis in Translation**: theory, methodology, and didactic application of a model of translation-oriented text analysis. Tradução por Christiane Nord e Penelope Sparrow. Amsterdam, Rodopi, 2005.

PETERSON, E.H. **Bíblia em Linguagem Contemporânea**: A Mensagem. São Paulo: Editora Vida, 2011, 1 ed.



RAUPP, Marcelo. **Uma análise descritiva de três traduções brasileiras da Bíblia a partir de alterações introduzidas nos manuscritos em língua original**. Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução da Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis–SC, 2010.

SOCIEDADE BÍBLICA DO BRASIL - **Almeida Revista e Atualizada**. Disponível em: <<https://biblia.sbb.org.br/almeida-revista-e-atualizada>>. Acesso em: 7 maio de 2023.

VERMEER, Hans J.: “Skopos and Commission in Translational Action” (1989) in L Venuti (ed.) **The Translation Studies Reader**, London and New York. Routledge, 2000, 221-232.